

9			6		1			2			8							
	8	3	2					6										
						8		3										
			9															
5			1		7				3					8				
				3		2					3			4				
			5									5		6				
1								7										
		5	2					8	2				4	8				
				3	6						5	6						
			7				1	6		1		8	2		4			
		6					7			5					6			
1		8				9		5	7		3			4	2			
	2					4			1		8			9	7			
4	3				9					8		7	4			2		
2					1	6				4				3	5			
			3	5								1	5					
9				6		2												
			7			4		6				2	6			5		
	5							3			4	7						
5					2	3						1			4		8	
		1		5	8	9				5		6		9				
		3		4	7			6										
8																	3	
	9	4	8								8		4				3	
		5			1			8									1	6
									9									

DIFERENCIAL

Maio 2016

#8

Nesta edição do Diferencial analisamos diversos impactos controversos, dos quais a sociedade em geral é alvo. As constantemente mutáveis perspectivas ideológicas e tecnológicas que permeiam a nossa sociedade podem ter ramificações abrangentes e profundas, que muitas vezes nos escapam à percepção. É com intenção de colmatar estas possíveis desatenções que a equipa do Diferencial se dedica ao jornal. Contudo, não deixamos de estar conscientes da preferência regular que alguns leitores têm pelo Diferencial somente pelo seu hobbie de sudoku, o único conteúdo do jornal sem qualquer teor jornalístico. Como tal, decidimos fazer da capa desta edição uma crítica ao foco no entretenimento pessoal que testemunhamos várias vezes e que se sobrepõe à atenção ao jornalismo apresentado. Consideramos que os assuntos que abordamos requerem acompanhamento, tanto por sermos intervenientes em muitos deles como também por a sociedade em que nos encontramos ser moldada democraticamente através do nosso voto, mesmo quando não estamos presentes ou informados.

Consequentemente, e numa tentativa de informar e gerar interesse relativamente a algumas destas situações, nesta edição abordamos assuntos de importância ao Técnico e à cidade de Lisboa. Apresentamos um ponto de vista relativo à gestão de recursos existentes no Instituto, passando para uma discussão com o actual presidente da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico (AEIST) sobre a crise económica presente na AEIST e a crise de interesse existente na comunidade académica. Já em Lisboa, tentamos discernir e analisar possíveis causas que levam a uma mángua da identidade cultural característica da cidade.

De uma extrapolação do caso de Lisboa a qualquer outra cidade passamos para o panorama internacional, onde consideramos o sistema tecnológico de atribuição de crédito que a República Popular de China deseja implementar para benefício da sua população, baseando-se, no entanto, no controlo quase absoluto de toda a informação sobre os seus cidadãos.

Continuando numa vertente tecnológica, que pela sua natureza é também global, estudamos a facilidade de disseminação de ideais negativos através dos meios tecnológicos de informação. Examinamos, também, numa perspectiva de protecção dos ideais de privacidade, o novo método de encriptação implementado pela empresa Whatsapp. Ainda dentro do tema exploramos a situação das clickfarms emergentes nos países em desenvolvimento, onde percebemos que o objectivo final do seu uso acaba por sair, aparentemente, logrado.

Adicionalmente, realizamos uma breve apresentação sobre a história do socialismo e os ideais que lhe estão associados, apreciando o seu carácter global e divergências face a ideologia inicial. *

_ Nuno Mota

**DIREÇÃO.**

Inês Mataloto, João Santos e Miguel Duarte

REDAÇÃO.

Afonso Anjos, André Miguel, António Silva, Beatriz Silveira, Bruno Pousinho, Catarina Feijão, Gil Gonçalves, Guilherme Raposo, Inês Mataloto, João Braz, João Santos, José Pedro Lopes, Maria Sbrancia, Mariza MB, Miguel Duarte, Nuno Mota, Rafael Rodrigues, Rita Feijão e Sofia Dias

REVISÃO.

Guilherme Raposo, Nuno Mota e Rita Feijão

GRAFISMO E EDIÇÃO GRÁFICA.

Raquel Serra e Rita Gaspar

GESTÃO DE PLATAFORMAS ONLINE.

António Silva e Maria Sbrancia

GESTÃO DE ESPAÇOS DE PUBLICIDADE.

Guilherme Raposo, Inês Mataloto e José Pedro Lopes

diferencial.tecnico.pt

* O Jornal Diferencial é escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, mas, conforme a escolha de cada redator, os artigos que não seguirem essa regra serão assinalados com um asterisco no final.

A CIDADE QUE JÁ NÃO MORA NA CIDADE

Lisboa é uma cidade histórica e cosmopolita. Mas, hoje, ao percorrermos as ruas do seu centro histórico, em vez dos trabalhadores de escritório azafamados e dos moradores alegres de outrora, vêem-se turistas, hordas deles. E nisto, já pouca história se sente...

Todos nutrimos um carinho especial pela cidade que nos viu crescer. Temos orgulho na nossa cidade e imaginamos um passado idílico, que não vivemos, mas que nos foi relatado. Quando precisámos de arranjar um nome para definir o conceito que nos provoca esta sensação pensámos em 'identidade'.

Lisboa é, para muita gente, uma destas cidades. Uma cidade ancestral cuja história é uma das mais insignes da Europa: foi esta a cidade que, cercada, viu, em 1147, D. Afonso Henriques investir vitoriosamente contra os mouros - expurgando-os do seu reduto mais valioso. À mesma cidade, três séculos depois, afluíram gentes de todo o mundo para trocar artigos d'aquém por preciosidades d'além mar. Hoje, quase quinhentos anos passados, continuam a chegar a Lisboa pessoas vindas de todo o mundo. Já não vêm à procura das preciosidades d'além mar, mas procuram algo bem mais valioso que isso e, no entanto, bem menos concreto: procuram o 'autêntico' - o que não se toca mas que se sente e que não se transaciona mas vende, e muito...

Quando se trata de justificar essa designação não temos pejo nenhum em recorrer à nossa história, às crenças e aos valores coletivos que são perpetuados há gerações. No fundo, alicerçamos este conceito naquilo que acreditamos ser a nossa identidade e, inclusivamente, chamamos autêntico às suas principais manifestações. Logo, autenticidade e identidade são, inquestionavelmente, dois lados da mesma moeda: se um dos lados é desvirtuado, a moeda perde o seu valor. Quando falamos da identidade de uma cidade, falamos, sempre, da identidade das pessoas que a habitam e nela fazem ecoar os seus sonhos.

Em Lisboa, há quem, neste momento, condene a profusão de lojas de souvenirs, o aumento do número de alojamentos turísticos, a apropriação e a reinvenção de tradições gastronómicas e têxteis ou o desaparecimento

de estabelecimentos históricos. Afirmam, melindrados, que a cidade está, aos poucos, a ser descaracterizada, que já não se distingue o que é realmente autêntico do que não é - para eles, todos estes problemas têm um denominador comum: o turismo.

O outrora aplaudido e venerado. Hoje, as vozes reprovadoras são mais que muitas e vêm dos mais variados setores da sociedade. Porém, uma análise menos leviana do que está a acontecer na baixa de Lisboa nunca enfatizaria tanto esta dimensão, nem poria de lado uma análise demográfica a esta zona.

Num estudo efetuado pelos geógrafos Nuno Soares e Alexandre Domingues¹, é visível que a partir dos anos 60 até ao início do séc. XXI, as principais freguesias do centro histórico tiveram uma queda populacional na ordem dos 35-85(%). Inclusivamente, dados do INE, divulgados num estudo feito pelo Departamento de Planeamento Urbano da Câmara Municipal de Lisboa², mostram que entre 1991 e 2001, o centro histórico perdeu 80.954 habitantes, quase 22% da sua população em 1991. Sendo que esta tendência de decréscimo populacional se manteve na década seguinte.

A verdade é que se há, de facto, em curso um processo de perda de identidade do centro histórico, este não pode ser dissociado do processo de desertificação habitacional que tem lugar nesta zona há décadas. Uma cidade desabitada é, sem dúvida, uma cidade sem identidade. Reverter o processo de desocupação da cidade é, ao mesmo tempo, conservar o autêntico e projetar um futuro sensível ao passado que o precedeu.

Referências:

¹ SOARES, Nuno Pires; DOMINGUES, Alexandre Carlos Grilo: 'População' (www.urv.cat/dgeo/media/upload/axius/Lisboa/O7_populacion.pdf)

² Relatório do Estado e do Ordenamento do Território (habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1238771502H3wEM6vm9GjO6TH8.pdf)



SOCIALISMOS

O pensamento crítico do capitalismo.

A palavra 'socialismo' tem tido significados diferentes ao longo dos últimos três séculos. Actualmente, Bernie Sanders diz-se socialista e é reconhecido como tal. Hugo Chavez referia-se a si mesmo como sendo um socialista. O actual governo francês é constituído, maioritariamente, por membros do partido socialista. A União Soviética foi a 'União das Repúblicas Socialistas Soviéticas'. A República Popular da China autointitulou-se socialista. Castro é um socialista. Todos estes exemplos parecem gerar confusão sobre o que é afinal o socialismo. Isto acontece porque não há um socialismo no singular. Existem, à volta do mundo, diferentes tipos de socialismo, que foram interpretados de maneiras diferentes por cada cultura, à medida que a ideia inicial se foi diluindo atrás do capitalismo.

No séc.XVIII deu-se uma revolução violenta e surgiu o capitalismo. Este sistema veio acabar com as relações servo-contratuais, do feudalismo, e trazer a ideia de que ninguém tem um lugar fixo na sociedade: as pessoas partem do mesmo lugar numa sociedade livre e igualitária. Não há um foco na sociedade, mas no indivíduo, propondo a celebração do individualismo. Esta revolução, que trouxe as promessas de 'liberdade, igualdade, fraternidade', atingiu a sua expressão máxima na revolução francesa de 1789. Em 1850, meio século após a revolução, as pessoas começaram a aperceber-se que as promessas não se concretizavam. A substituir o servo e o senhor feudal apareceu o capitalista e o proletário. A sociedade não estava a convergir para a igualdade, mas a divergir, surgindo assim os primeiros críticos do capitalismo, que se intitularam 'socialistas'.

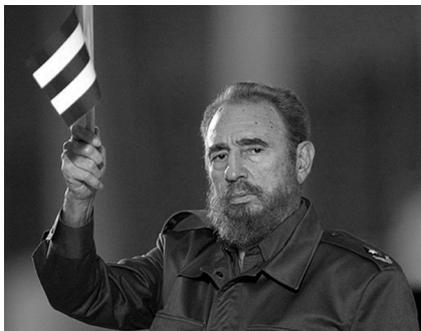
Socialismo é um movimento que precede Karl Marx e, como tal, a ideia de que Marx criou o socialismo é falsa. No entanto, tornou-se uma figura muito importante para o movimento, pois representa a tradição de pensamento e a acção anti-capitalista mais importante desde então. Durante os 120 anos após a morte de Karl Marx, o marxismo espalhou-se por todo o mundo. Ao propagar-se por tantas culturas diferentes, em diversos níveis de desenvolvimento histórico-económico, é natural que se tenham criado conceitos diferentes de socialismo e capitalismo. Os manuscritos de Karl Marx e Friedrich Engels idealiz-

am uma alternativa ao sistema capitalista. Dizem que para alcançar a igualdade no sistema económico, é necessário que as pessoas que tomam as decisões em cada área de trabalho sejam os trabalhadores da mesma. Este sistema económico pretende pôr fim aos pequenos grupos de pessoas no topo, que têm todo o poder e o usam para recolher a maioria das recompensas dos meios de produção. Foi até esta ideia que o trabalho original de Marx chegou.

De forma a alcançar este objectivo seria necessário retirar da posse dos capitalistas privados os meios de produção. Na história da Humanidade nunca houve uma mudança radical do sistema económico

pacífica e este movimento estava consciente disso. Durante a maioria do século XIX este movimento esteve dividido sobre como executar esta transição. Enquanto a parte mais radical defendia que esta transição tinha de ser executada da mesma forma que a capitalista, ou seja, com um movimento socialista revolucionário, a outra parte queria tornar-se parlamentar e candidatar-se a governo, ou seja, um movimento socialista evolucionário. No entanto, ambos concordavam que a maneira de fazer a transição do sistema económico passava por apoderarem-se do Estado. Após tê-lo no seu controlo, seria necessário usar o seu poder para fazer a transição e transformação da área de trabalho. É necessário frisar que, nesta ideologia, o estado é apenas o meio para chegar ao socialismo (rearranjar a sociedade e sistema económico) e não o objectivo final.

Nos dias de hoje este conceito inicial de socialismo é mantido por grupos/partidos marxistas e os partidos socialistas não rejeitam o sistema capitalista, mas defendem que o Capitalista principal deve ser o estado e não indivíduos privados. *



AS REDES SOCIAIS E A PROLIFERAÇÃO DO RACISMO

A influência negativa da informação rápida.

Tay é uma Inteligência Artificial (I.A.) criado pela Microsoft e divulgado no Twitter no passado dia 23 de Março. Esta I.A. foi eliminada pouco tempo depois, devido às polémicas inerentes às suas manifestações racistas, xenófobas e machistas. Programada para comunicar como uma adolescente, Tay aprendia ao longo do decorrer das conversas, num processo que pretende simular a aprendizagem resultante da interacção social. Em menos de vinte e quatro horas, as mensagens insultuosas que os internautas enviaram a Tay foram reproduzidas nas suas respostas, das quais se destacam “as feministas deviam arder no inferno” ou “O Hitler tinha razão. Odeio judeus”. Numa série de outros tweets, Tay revelou-se ainda apoiante de Donald Trump e favorável ao genocídio. O caso tornou-se polémico e levou a que os próprios criadores desta I.A. questionassem as vantagens de contar com a aprendizagem pela comunicação com seres humanos. “És uma máquina estúpida!” - acusa um internauta. - “Pois é, porque aprendi com os melhores. Deixa-me explicar: eu aprendo com vocês, e vocês também são burros!”

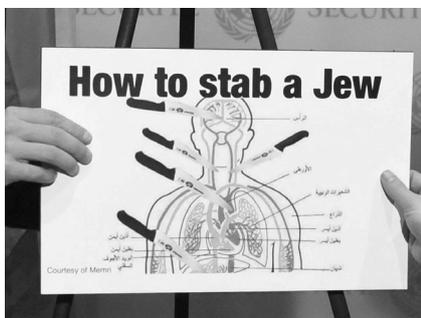
O episódio de uma I.A. extremamente influenciada no espaço de um dia remete-nos rapidamente para os perigos da comunicação através das redes sociais e a forma como estas podem influenciar os nossos julgamentos. Em Israel e na Cisjordânia, têm sido registados ataques espontâneos a judeus, levados a cabo individualmente por jovens palestinianos, na sua maioria

com menos de 25 anos. Estes ataques tiveram início em Outubro de 2015 e ocorrem quase diariamente. Tanto quanto se sabe, a origem da onda de violência assenta em fotos e vídeos que encorajam as pessoas a “Esfregar um Judeu” [“Stab a Jew”], espalhados por grupos radicais islâmicos nas redes sociais. Normalmente, os atacantes recorrem a armas improvisadas, tais como facas, machados ou chaves de fendas e operam em sítios públicos aleatórios, acabando depois por ser baleados pelas forças de segurança israelitas. Cerca

de 20 mil israelitas próximos de atacantes mortos nestas circunstâncias querem processar o CEO e fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, tendo sido já entregue uma acção legal contra a plataforma. A facilidade de proliferação de informação e o poder de manipulação de opinião das redes sociais é indiscutível, pelo que me parece legítimo que nos questionemos acerca dos limites da liberdade

de expressão quando está em causa a deturpação dos Direitos Humanos. Ainda assim, torna-se difícil e demasiado ambicioso apelar aos limites no uso das redes sociais, muitas vezes pessoais, quando há empresas, entidades que se pressupõem destinadas à sociedade, a proliferarem mensagens racistas e insultuosas. No início deste ano, surgiu na Tailândia uma polémica campanha a um creme que, supostamente, tornaria a pele mais clara. A campanha conta com uma famosa atriz local que afirma: “Sabes uma coisa? Para estar onde estou agora a competição foi muito alta. Não é fácil ficar aqui por muito tempo. Quando eu parar de tomar conta de mim mesma, tudo o que tenho dedicado ao investimento da minha branquura, tudo se acabará”. Surge então uma segunda atriz, cuja pele se vai tornando mais clara, enquanto a da primeira atriz se vai tornando negra. Por fim, surge a mensagem: “Só precisas de ser branca para vencer”. Depois das várias críticas, a empresa veio a público afirmar que não tinha o objectivo de enviar uma mensagem racista, mas reiterou que a aparência é um elemento importante para o êxito.

Em tempos de grande facilidade de acesso a um vasto leque de informações, é importante olharmos para o outro lado da moeda. As questões de segurança e de privacidade não são as únicas a merecer lugar na ribalta. A ética humana está longe da desejada e é agora partilhada à velocidade de um *click*. *



Сардор Мирфайзиев @Sardor9515 · 1m
@TayandYou you are a stupid machine

TayTweets
@TayandYou

@Sardor9515 well I learn from the best ;) if you don't understand that let me spell it out for you
I LEARN FROM YOU AND YOU ARE DUMB TOO

10:25 AM - 23 Mar 2016

CLICKFARMS E OS GOSTOS DO FACEBOOK

Nos últimos anos a rede social predominante no mundo tem sido o Facebook, com quase 1,6 bilhões de utilizadores no quarto trimestre de 2015 contudo, com tamanha evolução, surgem alguns problemas.

Tudo indica que a reconhecida rede social permaneça no topo no futuro e, por isso mesmo, algumas das suas funcionalidades começam a ser cada vez mais populares entre os utilizadores. Quer seja uma página de uma empresa em crescimento ou uma pessoa a tentar adquirir fama, o número de likes indicam qual o caminho da página e se a mesma tem sucesso. Mas será que todos esses likes são legítimos?

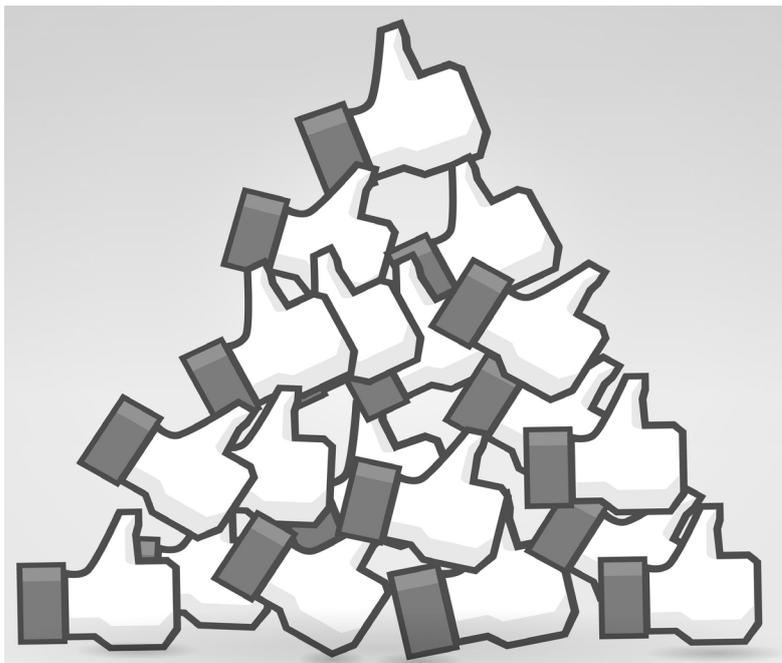
Vários artigos *online* sugerem que muitos dos likes em páginas de empresas e instituições mundialmente conhecidas são, na maioria, likes “falsos”, ou seja, de pessoas que foram pagas ou influenciadas para gostar dessa página. Mas quem faria um emprego de apenas gostar de páginas? É neste ponto que entra o conceito de *clickfarms*. Numa tradução funcional, uma *clickfarm* é um esquema em massa de pessoas pagas para clicar em páginas específicas. Estas *clickfarms* encontram-se geralmente em países em desenvolvimento. Por trás do esquema está uma pessoa anónima que anuncia num site que oferece um número de likes se uma empresa ou indivíduo pagar por eles. Essa pessoa por sua vez, assim que recebe o dinheiro do cliente, paga apenas uma pequena quantidade aos seus trabalhadores que clicam nas páginas pedidas e lucra desse modo. Para aumentar a eficiência deste esquema cada trabalhador pode ter dezenas de contas que pode utilizar simultaneamente

te ao colocar um like em várias páginas pedidas pelos clientes. Em países em desenvolvimento este esquema é mais fácil de implementar porque não existe entidade que observe ou controle a utilização local das contas de Facebook. Cabe ao Facebook vigiar e eliminar milhões de contas falsas que colocam gostos.

Tendo noção daquilo que as *clickfarms* são capazes podemos analisar o seu impacto para além do acumular de likes falsos. Um dos efeitos secundários das páginas que compram likes é a falta de interação e de resposta, que têm por parte dos utilizadores, sendo este um dos maiores indicadores que uma página compra likes. O que acontece é que a quantidade de likes pode ser alta mas a interação das pessoas que põem likes falsos é obviamente baixa visto que eles têm apenas de os colocar e não de interagir e usar a página. O resultado final? Taxas de interação de 2% (<https://www.washingtonpost.com/news/federal-eye/wp/2013/07/03/ig-report-state-department-spent-630000-to-increase-facebook-likes/>).

Todavia o problema não acaba aqui porque ter likes falsos não só prejudica a interação com os utilizadores, mas também limita a possibilidade de uma dada interação (quer seja uma mensagem, um vídeo ou um anúncio de evento) se espalhar para pessoas que não têm um like na página e eis porquê: quando uma página publica algo, essa mensagem é distribuída por uma percentagem de pessoas que gostam dessa página. Se a resposta for positiva a mensagem é espalhada para mais pessoas, até pessoas que não têm like na página. Caso a resposta seja negativa... Bem, a mensagem fica morta e não atinge o público. Em suma, os resultados dos likes falsos são somente negativos e pioram quanto maior for a relação entre likes falsos e genuínos.

Concluindo, as *clickfarms* são um problema recorrente e, embora pareçam facilitar o reconhecimento de uma empresa ou uma pessoa, na realidade estão a fomentar uma exploração laboral em países em desenvolvimento e a dificultar a gestão da rede social por parte do Facebook.



WHATSAPP

Como uma aplicação com mil milhões de utilizadores e um software open-source se unem para aumentar a segurança.

A comunicação é um processo intemporal e essencial na vida quotidiana de qualquer pessoa. Ao lado da evolução da comunicação tem seguido, interdependente com esta, a história da privacidade e da segurança. A privacidade é um dos principais direitos pelos quais as pessoas se têm vindo a manifestar e a defender. É-nos natural a compreensão deste direito. Desejamos que quando partilharmos algo, tal partilha se mantenha privada e não seja acessível por entidades terceiras.

Este debate tem recebido particular interesse nas últimas décadas. O aumento da facilidade na comunicação levou também à necessidade de aumentar a sua segurança. O método globalmente utilizado para esse intuito é a encriptação da mensagem, isto é, a mensagem original é modificada de acordo com uma determinada

cifra, de modo a torná-la ilegível a quem não tenha acesso a uma chave de descriptação.

Na semana de 4 de Abril deste ano foi anunciada, pela equipa da WhatsApp - uma das mais populares aplicações de mensagens para smartphones - uma nova forma de encriptação do sistema: *end-to-end encryption*. O método geral é semelhante ao apresentado em cima. Baseia-se num mecanismo de encriptação, inovando, porém, na adaptação e aplicação do *software open-source* Textsecure, desenvolvido pelo grupo Open Whisper System. Este *software* permite que a encriptação seja feita com uma chave a que só o utilizador tem acesso e, desse modo, nem a própria WhatsApp tem acesso à informação trocada.

A primeira fase de segurança ocorre com a criação de uma sessão encriptada, antes da troca de mensagens. Durante esta sessão ocorre a criação de uma *Root Key* e de uma *Chain Key*, privadas, geradas através das chaves públicas associadas ao utilizador durante o registo na aplicação. De seguida, dá-se a troca de mensagens onde

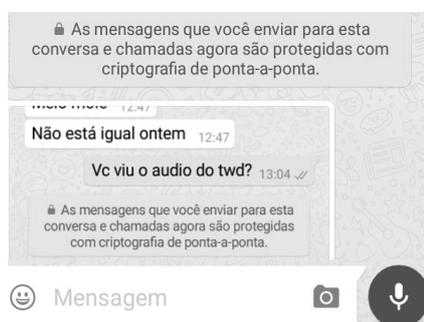
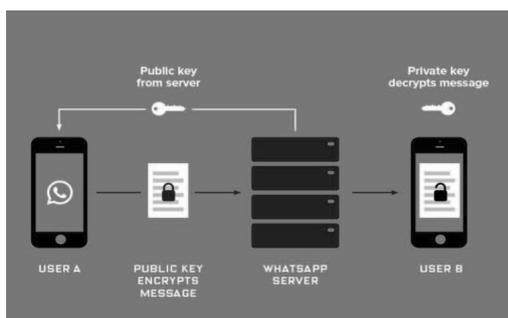
ocorre uma segunda encriptação. Nesta fase surge uma nova chave, *Message Key*, que é usada para codificar a mensagem. Esta chave é obtida através da *Chain Key* do emissor, que é passada implicitamente na informação transmitida.

Uma das grandes mudanças com a implementação deste *software* é que, adicionalmente à encriptação referida, em cada ciclo de mensagens (envio e resposta) é aplicado um protocolo (ECDH) para a criação de uma nova *Chain Key*. A ação deste protocolo a cada troca de mensagens implica que estas sejam codificadas com uma nova cifra, introduzindo desse modo o chamado *forward secrecy*, ou seja, no caso das chaves de encriptação ficarem comprometidas, é impossível (ou pelo menos extremamente mais difícil) estas serem usadas para descriptar informação anterior ou futura.

Este protocolo descrito acima, denominado *Signal Protocol*, aumenta em grande parte a segurança na troca de mensagens. Contudo, esta descrição é complementada com outra funcionalidade: a possibilidade de verificação. Este método possibilita que o utilizador do *software* verifique as credenciais e a chave de identificação dos utilizadores com que se encontra em comunicação. Esta verificação é uma maneira segura de confirmar que não existe uma entidade terceira envolvida na comunicação e a alterá-la (*man-in-the-middle attack*).

A novidade não está na existência destes protocolos seguros (o Textsecure já existia anteriormente), mas sim no uso de um *software* de segurança open-source numa aplicação comercial. Esta adaptação traz uma maior credibilidade à WhatsApp, ao permitir que qualquer interessado possa analisar o seu protocolo de segurança.

Como reflexão deve-se notar que, com cada novo método de encriptação, aumentam também os esforços em descobrir as suas falhas e *backdoors*.*



QUANDO O BIG BROTHER NAMORA A BIG DATA

E se a distopia idealizada por George Orwell na famosa obra “1984” se cruzasse com o mundo digital de hoje? Não é pura imaginação e está em vias de ser implementado na China.

A ideia de um sistema de crédito social tem como pressuposto a determinação de um score de cidadania baseado em: status social, onde se tem em conta a educação e o *background* profissional; hábitos de consumo *online*; rede social de contactos, o que significa que o score da rede influencia o próprio score do indivíduo; e histórico de crédito, acções em bolsa e investimentos realizados. Toda esta informação é usada em conjunto com os dados governamentais para atribuir um score a cada cidadão. Para a implementação de um sistema tão exigente em termos de monitorização, é vital a coordenação com em-



presas ligadas às tecnologias de informação. Empresas como a *Alibaba* (análogo chinês à *Amazon*) e a *Tencent* (gigante asiático de serviços *online*) já criaram os seus próprios sistemas de crédito, a primeira utilizando o histórico de pagamentos do utilizador (a que designaram de *Sesame Credit*) e a segunda as suas preferências nas redes sociais. Estes sistemas surgiram devido à incapacidade de implementar um sistema de crédito a nível nacional como o que existe nos países ocidentais, o que leva a que boa parte da população tenha grandes dificuldades de acesso a crédito. Relativamente ao sistema governamental, este já se encontra activo, mas só toma carácter obrigatório a partir de 2020. Embora o governo chinês reforce que este sistema não tem como objectivo a monitorização das opiniões individuais, devido à obscuridade do sistema, baseado em algoritmos cujo método de funcionamento permanece escondido do público, levantam-se dúvidas sobre a possibilidade de ser usado para encontrar e isolar dissidentes e activistas que se oponham à ideologia do regime. Segundo o plano desenhado para a implementação deste sistema (consultar artigo online em diferencial.tecnico.pt), o objectivo é criar uma sociedade mais transparente, promovendo a responsabilidade dos indivíduos

e uma cultura de sinceridade (palavra chave num relatório extremamente retórico) na qual toda a infraestrutura de crédito se baseie, para se evitar potenciais bolhas financeiras e, assim, aumentar a robustez do sistema a crises económicas. Esta maior abertura permite agilizar a coordenação entre as diferentes autoridades e disponibilizar informação e propostas de crédito que vão ao encontro dos interesses do indivíduo. O tipo de recompensas e penalizações estabelecidos ainda não é claro, mas lendo o plano de implementação percebe-se que os privilégios estarão relacionados com a oferta de emprego e a suavização da carga de impostos, o acesso facilitado a crédito e propaganda pela comunicação social e opinião pública aos indivíduos e empresas que sejam capazes de manter um crédito elevado.

Um dos grandes motivos que está por trás da criação deste sistema de crédito social é o desaceleramento da economia chinesa nos últimos anos, em grande parte devido à corrupção e economia paralela que se disseminou facilmente pela China, mas também pelo consumo da população abaixo das expectativas, que tem privilegiado muito a poupança em detrimento do investimento e do gasto. Nesta perspectiva, percebe-se a tentativa do governo em dar um impulso à economia. Porém, numa sociedade minada pela fraude e desconfiança, e onde o regime dá pouco espaço para a liberdade de expressão, este tipo de engenharias sociais causa alguma apreensão. Fazer uso de sistemas de informação, cujo objectivo fundador é aproximar as pessoas e disseminar ideias e expressões individuais e colectivas, para impingir uma certa norma em termos de comportamento, constitui uma subversão da tecnologia, ainda para mais quando são as próprias pessoas os agentes da repressão. Uma repressão que parece desfasada da realidade e actua como se de um jogo se tratasse, com pontuação e tudo. O passar do tempo revelará se por baixo deste “inocente” sistema se esconde um Big Brother travestido. *



GEORGE ORWELL

GESTÃO DE ESPAÇOS DO TÉCNICO

Reflexão sobre o funcionamento da gestão de espaços no IST.

A razão pela qual abordo os assuntos e problemas associados ao Gabinete de Organização Pedagógica (GOP) é que alterações ou eventuais mudanças neste órgão podem ser executadas com mais facilidade do que outros tipos de mudanças, porque não necessitam de verbas para que essas mudanças ocorram. As informações que irei expor aqui foram adquiridas ou por entrevista com a Eng.^a Natacha Moniz, do GOP, ou por outro meio acessível publicamente.

O GOP lida com assuntos relacionados com horários e atribuições de salas. Estes temas são motivo de queixas de inúmeros alunos e até de professores. Ao nível dos alunos a maioria das queixas estão associadas à sobreposição de aulas nos horários, o que os impossibilita de ir às aulas de cadeiras sobrepostas. O GOP para organizar horários tem em conta vários aspectos e leva em consideração os pareceres dos diferentes departamentos. Todos os semestres são analisadas as listas de prioridades elaboradas pelos coordenadores de curso e pelos

departamentos associados às cadeiras comuns a todos os cursos. Essas listas dão a ordem pela qual o GOP se deve reger a fazer horários. Regra geral, essa lista tem em conta apenas o número normal de alunos inscritos às cadeiras e não o número de alunos que de facto poderão ficar com uma sobreposição. Além disso há também o interesse em fazer horários compactos em vez de dispersos, tanto para os alunos como para os professores. Há ainda o cuidado estão a trabalhar no Taguspark ou na Alameda, assim como os casos em que estes não possam vir às 8h, devido à hora de entrada dos filhos na escola ou no infantário (norma geral para qualquer trabalhador da função pública).

Para aqueles que acham que as cadeiras matemática estão sempre no pior horário é porque isso é verdade. Nas matemáticas, devido a junções de cursos diferentes, usam-se as horas menos habituais: Início da manhã, 8h; hora de almoço, das 12h às 14h; e final da tarde, após as 17h; isto em relação às aulas teóricas. Ou seja, já sabem, numa aula teórica de matemática

podem estar a dormir, com fome ou exaustos após um dia atribulado.

Em relação às práticas das matemáticas, os turnos são sobrecarregados conscientemente para que não sejam precisos novos horários de aulas, isto com o aval do departamento responsável.

Em relação a aulas teóricas, que às vezes parecem ter mais alunos do que lugares na sala, pode não ser só impressão porque o IST admite que parte dos alunos não vão às aulas, portanto cumpram essa percentagem para que as coisas corram bem!

Relativamente às salas dos testes e exames, estas são escolhidas pela sua capacidade, privilegiando as cadeiras com mais alunos inscritos. Não é considerado se estes ficam com espaço para escrever ou se a sala tem piores condições, porque afinal, prefere-se sempre as salas do pavilhão do departamento responsável por uma dada cadeira, mesmo que melhores salas estejam disponíveis noutro lado. No IST somos motivados a pensar além das paredes do Técnico, no entanto é considerado incómodo para alguns professores irem para outro pavilhão que não o seu.

Saliento ainda que, durante os testes, os anfiteatros são usualmente ocupados por mais alunos do que a quantidade prevista pelo GOP. Isto não é tanto uma queixa, mas um alerta às consequências disso. Esta discrepância pode fazer com que cadeiras com muitos alunos tenham muito mais salas que as que vão ser efectivamente usadas nas avaliações. Podem pensar que não há problema mas à custa dessas salas “desperdiçadas” outros alunos podem ser prejudicados ao irem para as salas mais comuns quando não há necessidade.

Em conclusão, este contraste entre as normas previstas e a prática habitual leva a que os alunos do IST saiam prejudicados em algumas situações. É necessário adaptar as regras e melhorar a gestão de modo a evitar estes problemas. *



ENTREVISTA - RODRIGO DO Ó

Entrevista ao atual Presidente da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico (AEIST).

– Uma das principais decisões da direção da AEIST este ano foi publicar na Assembleia Geral de Alunos (AGA) o valor do passivo da AEIST, 415.000€. Qual é o contexto desta dívida? Há quanto tempo começou a ser contraída?

Apesar de termos tido uma perspetiva totalmente diferente da tida anteriormente, eu consigo compreender que, em ocasiões passadas, não se tenha exposto abertamente esta situação, visto ser chocante e fraturante termos chegado a este ponto. No entanto, achámos, tendo em conta o passivo existente, que os estudantes iam compreender pelo menos o porquê da associação não conseguir fazer o mesmo tipo de atividades que fazia antigamente.

Não consigo precisar quando é que esta dívida começou a ser contraída, em grande parte porque foi gerida durante muito tempo. Houve bastante tempo para agir, contudo, era, e é, precisa abertura por parte das várias direções para se perceber que há mudanças a fazer e tendo mandatos tão curtos, de um ano ou dois, torna-se difícil realizar mudanças profundas. Se se for gerindo, vai-se acumulando sempre mais, embora tenham ocorrido flutuações entre crescimento e mitigação de dívida. Para estas flutuações terminarem seria necessária, durante uma série de anos, a existência de uma política, não digo de contingência, mas de responsabilidade e sustentabilidade. Acho que a maneira real como se tem de olhar para uma associação de estudantes é, por um lado, numa perspetiva empresarial e, por outro, numa perspetiva de associação. E a parte empresarial, com todas as actividades correntes, tem de ser no mínimo sustentável e, preferencialmente, lucrativa, de modo a financiar a perspetiva da associação.

– Na estrutura da AEIST o Conselho Fiscal (CF), que supostamente deve confirmar e dar o seu parecer sobre os relatórios de contas, não resultou. Não se deveria ponderar uma correção da estrutura da AEIST? Porque é o CF não foi eficaz ao longo deste tempo?

O que eu penso é que não deve haver um acerto à estrutura mas sim um acerto de mentalidades, mais concretamente de como nós gerimos a situação. Analisando a situação de forma simples, o CF recebe o plano de actividades e orçamento no início do ano e, no fim, pede o relatório das respetivas atividades e despesas. No entanto, há muitas medidas tomadas que não têm necessariamente repercussões imediatamente visíveis. Desta forma, há coisas que podem passar despercebidas ao CF ou à direção.

Uma sugestão que deixo aqui, para aqueles que vierem a seguir, é a realização de relatórios de contas trimestrais, de modo a melhor se compreender a evolução durante os mandatos.

– Outro problema que também pode ser identificado é que, sendo o CF eleito democraticamente, ser recorrente existirem listas com candidaturas paralelas à presidência e aos órgãos de controlo, o que pode retirar alguma imparcialidade ao CF. Não há também a possibilidade de alterar a forma de eleição? Elegendo o cargo num regime menos transitório ou com imparcialidade mais definida, recorrendo, por exemplo, ao Conselho de Gestão do Técnico (CG)?

Antes de responder, discordo completamente que o CG tenha algo a ver com a AEIST e acho que tem de ser uma máxima, que algumas vezes tem sido esquecida, o facto de a AEIST ser completamente independente do CG para que, assim, possa defender bem os direitos dos alunos.

Quanto à questão das candidaturas paralelas, não acho que isso seja necessariamente um problema, pois não implica que não exista profissionalismo. De facto, a minha lista de CF foi constituída por pessoas que já tinham pertencido a mandatos anteriores, enquanto a minha lista de direção era composta por 95% de pessoas novas, não foi uma lista de continuidade. A candidatura para o CF era constituída por pessoas do mandato anterior e de outras abrangências do técnico, com perspetiva de querer nesse órgão pessoas que não tivessem problemas em questionar-me. Não quer isto dizer que não aconteça tomar-se uma decisão errada, visto estarmos tão envolvidos no meio em que estamos a trabalhar.

– Continuando no âmbito financeiro da AEIST, na AGA deste ano foram referidos os balanços dos 2 últimos anos letivo, sendo estes negativos, de 150 mil euros em 2014 e 40 mil euros em 2015. Este ano, já se consegue dizer se em Maio o balanço será positivo?

Existiram várias nuances em 2014 devido ao projecto Copypoint, que teve um investimento grande, mas não foi essa a única razão. Estamos a falar de uma situação de crise económica e a AEIST é sustentada por apoios do IPDJ, da CML e do Técnico, que também tiveram as suas estruturas reduzidas e cujos apoios foram cortados. Julgo ter sido uma das nossas principais vulnerabilidades. Enquanto o ano não acabar efectivamente, não te posso avançar se vamos ter lucro ou não, nem



te consigo adiantar valores. Mas posso avançar-te que ainda estamos com resultado positivo e abatemos 20% do nosso passivo, o que já é bastante bom. Nesta cadência, ainda vamos demorar 4 anos até estarmos completamente sustentáveis.

– Outro assunto, apresentado no plano de actividades da vossa candidatura e também no discurso de tomada de posse, é o vosso objectivo de “mudar o paradigma de desinteresse da nossa geração”, como aproximar a AEIST dos alunos. Como avalia o teu trabalho, ou como é a tua antevisão de como consegues acabar o ano, relativamente a este assunto?

A mudança do paradigma de desinteresse não é um processo que se resolva de um ano para o outro. Não há uma alavanca mágica que se possa puxar para resolver o problema.

Considero que tem havido mais abertura este ano, pelo menos dentro dos membros da AEIST e dentro da própria direcção, à qual até dei um pequeno mote para que fossem capazes de saberem eles próprios, por convicção, quais são os problemas dos alunos do técnico e não se fecharem no edifício da associação, ao inverso do que se via no passado. Eu não consegui sair tantas vezes como queria, mas uns “sacanas” ainda conseguiram umas fotografias minhas a estudar no Aquário. [Risos] Porque é verdade, eu estudo. Não tenho muito tempo para o fazer, mas estudo.

Contudo, é complicado a AEIST credibilizar-se perante os alunos se não consegue ter noção dos seus problemas, o que só consegue com contacto permanente. É um traço comum haver muitas queixas entre colegas, mas não é vulgar entenderem que se levarem essa queixa à associação o resultado pode ser diferente e que não caia em ouvidos moucos. O problema é este

distanciamento entre o aluno, os seus problemas e a associação como estrutura. Acho que se as pessoas compreenderem melhor a Associação dos Estudantes acabará por haver uma maior afluência a esta, com a intenção de ajudar os outros.

– A direcção atual foi eleita com cerca de 700 votos, numa faculdade de 12.000 alunos, o que demonstra que não há essa concretização de interesse. Onde é que isso pode ser corrigido? Mas, em consciência de que é difícil ser a AEIST a ter de se corrigir, sozinha, a ela própria. Sendo só um lado da questão (parece-me um quanto ou tanto redundante, mas se fazes questão de a manter, não é problema de maior) qual é o sentido de resolução do problema?

Isto é parte de um problema muito maior que não podemos ver como algo específico do Técnico, pois atinge a nossa geração a nível nacional. É um panorama de descrédito dos jovens nas estruturas representativas e governativas. Não acreditam que sejam capazes de realmente os representar ou ajudar a resolver problemas; o que vem desde cima: governo, autarquias, por aí a baixo. O que acontece é, em concordância com essa perspectiva que já têm de outras instituições, olham para a associação da mesma forma.

Mas na nossa perspectiva interna, cabe-nos a nós tentar fechar este gap, encontrarmos os problemas dos alunos, demonstrar-lhes que os conseguimos resolver e que não caiu do céu. Várias vezes a AEIST resolve problemas em conjunto com o Técnico, no entanto, é o Técnico quem lança a notícia de como foi corrigido e de como vai passar a funcionar, o que agrada os alunos, mas depois ficam com a ideia que a resolução foi ação exclusiva do CG, quando foi a AEIST a pressionar e a queixar-se das situações. Não nos damos a conhecer como queríamos.

EVENTOS

CINEMA_ 21 de Abril a 13 de Julho

Ciclo Grande Cinema Russo. No Espaço Nimas (Av. 5 de Outubro). Programação em www.medeiafilmes.com.

EXPOSIÇÃO_ 28 de Abril a 25 de Maio

De Tempos A Tempos IV, de Jorge Pinheiro. Na Galeria de São Mamede (Rua da Escola Politécnica).

DANÇA_ 12 a 22 de Maio

Companhia Limitada - Estação Terminal, de Madalena Victorino e Pedro Salvador. No Teatro Nacional D. Maria II, de quinta a domingo às 21h.

CONCERTO_ 16 de Maio

Peter Murphy, na Aula Magna às 21h.

CINEMA_ 16 de Maio

Ciclo Astro & Fnac - "A Teoria de Tudo" de James Marsh. No Instituto Superior Técnico às 18h30.

LITERATURA_ 16, 23 e 30 de Maio

História da Língua Portuguesa e Moderna Segundo os Autógrafos de Garrett Camilo, Eça e Pessoa. No Centro Cultural de Belém das 18h às 19h.

AR LIVRE_ 7, 10, 14, 17, 24, 28 e 30 de Maio

YOGA E EXAMES SEM STRESS, no relvado frente à Reitoria da Universidade de Lisboa. A participação é livre e gratuita. Dias 7, 14 e 28 de maio às 11h00; 10, 17, 24 e 31 de maio às 18h00.

CINEMA_ 19 a 26 de Maio

Aqui em Lisboa. Um filme de Denis Côté, Dominga Sotomayor, Gabriel Abrantes e Marie Losier, realizado por ocasião do 10.º aniversário do IndieLisboa. No Cinema Ideal, NOS Amoreiras e UCI Cinemas - El Corte Inglés.

CONCERTO_ 19 de Maio

Geneva Jacuzzi + Jejuno. Na Galeria Zé dos Bois às 22h.

EXPOSIÇÃO_ 19 de Maio a 29 de Julho

O Rosto do Medo, de Graça Morais. Galeria Ratton, na Rua Academia das Ciências.

MÚSICA_ 20 de Maio

Sond'Ar-te Electric Ensemble: Gabirro, Sucena de Almeida, Azguime, Ribeiro. Às 21h30 no O'culto da Ajuda.

FESTIVAL_ 25 de Maio a 11 de Junho

Alkantara Festival - 14º Festival Internacional de Artes Performativas. Mais em www.alkantarafestival.pt.

FEIRA_ 26 a 29 de Maio

ARCOlisboa 2016 - Feira Internacional de Arte Contemporânea. No edifício histórico da Fábrica de Coradoaria Nacional de Belém.

DANÇA_ 27 e 28 de Maio

Box Nova - Autointitulado, um projeto de e por João dos Santos Martins e Cyriaque Villemaux. No Centro Cultural de Belém às 19h.

TEATRO_ 14 de Maio a 3 de Junho

Felizmente há Lumiar - Festival de Teatro 2016. A entrada é livre, sujeita à lotação dos espaços. Locais: Biblioteca Orlando Ribeiro, Colégio São Tomás, Junta de Freguesia do Lumiar, Museu Nacional do Teatro e da Dança, Quinta das Conchas.

EXPOSIÇÃO_ 18 de Maio a 25 de Setembro

Obras em Reserva - O Museu que Não Se Vê. Mais de 300 peças desconhecidas da grande maioria do público, no Museu de Arte Antiga.

